

## O TRABALHO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: uma análise em Alfred Schütz<sup>a</sup>

Jacó Fernando SCHNEIDER<sup>b</sup>  
Marcio Wagner CAMATTA<sup>c</sup>  
Cíntia NASI<sup>d</sup>

### RESUMO

Este estudo teve por objetivo compreender o trabalho de uma equipe de saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial embasado no referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, trabalhada com a análise compreensiva de depoimentos. As informações foram colhidas por meio de entrevistas, realizadas junto a oito participantes, de julho a setembro de 2006. Dos depoimentos coletados emergiram as unidades temáticas de comportamento social, relevâncias e relações interativas. Os resultados revelam um modo inovador de assistência em saúde mental, propiciando vislumbrar a equipe de forma dinâmica, em que se mostraram enquanto sujeitos que organizam suas experiências na vida diária do trabalho, na busca da reabilitação psicossocial. Foi possível compreender o trabalho em um Centro de Atenção Psicossocial, fornecendo suporte para equipes que atuam neste contexto para um entendimento a respeito do seu trabalho.

**Descritores:** Serviços de saúde mental. Assistência em saúde mental. Trabalho.

### RESUMEN

*Este estudio tubo por objetivo comprender el trabajo de una equipo de salud mental en un Centro de Atención Psicossocial, con base en el referencial de la sociologia fenomenologica de Alfred Schütz. Se trata de una pesquisa qualitativa, que trabaja con la análisis comprensiva de deponimientos. Las informaciones fuerón colectadas por médio de entrevistas, realizadas con ocho participantes, de julio a septiembre de 2006. De los deponimientos colectados fuerón encontradas las unidades tematicas de comportamiento social, significatividades e relaciones interactivas. Los resultados revelan un modo inovador de asistencia en salud mental, propiciando vislumbrar al equipo de forma dinámica, donde se mostraran encuanto sujetos que organizan sus experiencias en la vida diaria del trabajo, en la búsqueda de la rehabilitación psicossocial. Fué posible comprender el trabajo en un Centro de Atención Psicossocial, forneciendo soporte para las equipes que actuan en este contexto para un entendimiento a respecto de su trabajo.*

**Descriptores:** Servicios de salud mental. Atención en salud mental. Trabajo.

**Título:** El trabajo en un Centro de Atención Psicossocial: una análisis en Alfred Schütz.

### ABSTRACT

*This essay aimed at understanding the work of a mental health team in a Psychosocial Care Center. It was based on Albert Schütz's phenomenological sociology ideas. Qualitative research was the methodological base of this study, in which statements were submitted to comprehensive analysis. Information was collected by interviewing eight people between July and September, 2006. The thematic units were social behavior, relevance, and interactive relations. Results revealed an innovative form of mental health care, allowing a dynamic vision of the team, who organize their experiences during their daily work in search of psychosocial rehabilitation. This study allowed understanding the work in a Psychosocial Care Center, providing support for teams that act in this context for a better understanding of their work in mental health.*

**Descriptors:** Mental health services. Mental health assistance. Work.

**Title:** Work in a Psychosocial Care Center: an analysis based on Alfred Schütz.

<sup>a</sup> Artigo vinculado ao projeto de pesquisa "Reforma psiquiátrica: concepções de uma equipe de saúde mental sobre seu trabalho", da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>b</sup> Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Docente do Departamento de Assistência e Orientação Profissional da Escola de Enfermagem da UFRGS, Brasil.

<sup>c</sup> Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS, Brasil.

<sup>d</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS, Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

A atenção em saúde mental vem passando por transformações em sua forma de assistir o indivíduo em sofrimento psíquico e sua família, na busca de consolidação de um novo modelo, fundamentado em uma nova ética setorial que rompa com os tradicionais alicerces das atuais organizações de prestação de serviços, que se contraponha ao modelo asilar.

Este novo modelo, denominado psicossocial, considera os fatores políticos e “biopsicossocioculturais”, e utiliza como meios as psicoterapias, socioterapias e mais um conjunto de dispositivos de reorientação sociocultural, nos quais o indivíduo é o participante principal do seu tratamento, enquanto pertencente a um grupo familiar e social<sup>(1)</sup>.

Neste contexto, o trabalho de uma equipe de saúde mental de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), enquanto serviço substitutivo ao modelo asilar, deverá ir ao encontro desta nova proposta, que conduza à construção de uma prática de atenção à saúde mental mais justa, democrática e solidária.

Frente ao exposto, surgiu a necessidade de investigar como se dá o trabalho de uma equipe que atua em um serviço de atenção psicossocial no contexto da reforma psiquiátrica, embasado no referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz.

O trabalho é a ação no mundo exterior, baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado, por meio de movimentos do corpo. O trabalho é a mais importante forma descritiva de espontaneidade para a construção da realidade do mundo da vida diária. O Eu no seu trabalho se realiza como uma totalidade, se comunica com outros e organiza as diferentes perspectivas espaciais do mundo da vida por meio de atos de trabalho, integrando presente, passado e futuro<sup>(2)</sup>.

O objetivo deste estudo é compreender o trabalho de uma equipe de saúde mental em um CAPS embasado no referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz.

## 2 A FENOMENOLOGIA E A SOCIOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE ALFRED SCHÜTZ

Compreender o ser humano é uma tarefa complexa, pois envolve questões biológicas, psi-

cológicas e também sociais. Entendemos que o modelo cartesiano de investigação sofreu ruptura principalmente com a crítica à objetividade ao lidar com as questões humanas. Assim, no fim do século XIX a fenomenologia nasce enquanto opção filosófica e metodológica de pesquisa, na qual destacamos a Sociologia compreensiva de Alfred Schütz.

Concebida como conhecimento da essência das coisas, a fenomenologia teve seu início com Husserl, que sob a influência de Franz Brentano, concebeu a idéia de fazer da filosofia uma ciência rigorosa, baseada num novo método, o fenomenológico.

A fenomenologia surge em um momento de revisão das verdades científicas tidas como inabaláveis, quando as investigações passam a ter uma configuração humana. Neste contexto, a fenomenologia se estabelece com uma preocupação em desenvolver uma descrição pura da realidade. Para atingir isso, o pesquisador deve se dirigir ao fenômeno e procurar descrevê-lo como o mesmo se mostra à experiência vivida<sup>(3)</sup>.

Portanto, “O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”<sup>(4:22)</sup>.

Dentre os conceitos suscitados e explorados por Husserl na fundamentação da fenomenologia, destacamos alguns nessa nossa discussão para podermos avançar especificamente na fenomenologia de Schütz.

Para se chegar a essência, ou seja, ao sentido da coisa-em-si, a fenomenologia propõe superar a atitude natural por meio da atitude fenomenológica. Na primeira há uma ingenuidade do ser frente ao mundo da vida, aceitando-o em sua aparência como verdade, numa relação dicotômica entre o ser humano e o mundo, entre sujeito e objeto. Assim, por meio da atitude fenomenológica, esta relação entre ser humano e o mundo é resgatada, ou seja, é justamente na consciência dele que este mundo é constituído, ganha significado<sup>(4)</sup>.

Na busca do fenômeno puro, da sua essência, devemos colocar o mundo entre parênteses, ou seja, utilizarmos da redução fenomenológica (*epoché*). Isto significa dizer que devemos colocar em suspensão todos os nossos valores, crenças, pressupostos, pré-conceitos, para se ter uma ati-

tude fenomenológica, e assim, descrever o mundo como se apresenta na consciência, seguindo em direção à essência do fenômeno, ir-à-coisa-mesma.

Na redução fenomenológica, não é exigida nenhuma faculdade mágica ou misteriosa da mente; no entanto, a técnica de pôr entre parênteses não é nada simples, pois deve ser aplicada com a profundidade necessária. O que devemos pôr entre parênteses não é somente a existência do mundo exterior, junto com todas as coisas que este contém, incluindo os nossos semelhantes, os objetos culturais, a sociedade e as instituições, mas também devemos colocar em suspenso nossas crenças na validade de nossas afirmações acerca deste mundo e de seu conteúdo, concebidos dentro da esfera mundana.

Por conseguinte, devemos colocar entre parênteses não só nosso conhecimento prático do mundo, mas também as proposições das ciências que se referem a existência do mundo<sup>(5)</sup>.

Partindo do princípio que o mundo da vida cotidiana é a realidade fundamental e eminente do homem, um mundo social e cultural estratificado está dado historicamente de antemão como marco de referência para mim e para meus semelhantes<sup>(6)</sup>.

O mundo da vida, entendido como mundo natural e social, põe limites as minhas ações e as nossas ações recíprocas<sup>(6)</sup>. Para dar realidade aos nossos objetivos, devemos dominar o que está presente neles e transformá-los. Assim, não só atuamos e operamos dentro do mundo da vida, mas também sobre ele.

Para a sociologia fenomenológica, as realidades sociais são construídas nos significados, identificadas ao se mergulhar na linguagem significativa da interação social, sendo a linguagem, as práticas e as coisas inseparáveis neste tipo de abordagem.

### 3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que trabalhamos com análise compreensiva do conteúdo e dos significados de depoimentos de profissionais que atuam em um CAPS, configurando-se enquanto um estudo com embasamento fenomenológico, por meio do referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz.

O campo onde se realizou a pesquisa foi o CAPS – Centro de Atenção Integral à Saúde (CAIS) Mental, no município de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul.

Os participantes da pesquisa foram técnicos de saúde mental integrantes da equipe de trabalho do CAIS Mental – Centro, da onde foi convidado um técnico de cada área para participar do estudo, ou seja, um médico psiquiatra, um enfermeiro, um nutricionista, um psicólogo, um assistente social, um terapeuta ocupacional, um professor de educação física e um auxiliar de enfermagem, membros da equipe.

Os critérios para a inclusão dos profissionais que participaram deste estudo foi o de serem membros da equipe de saúde mental do CAIS Mental e a disponibilidade de cada um deles em participar da pesquisa.

As informações para a realização deste trabalho foram colhidas por meio de entrevistas, realizadas junto aos sujeitos da pesquisa, de julho a setembro de 2006.

Para a coleta das informações junto à população em estudo, elaboramos a seguinte questão norteadora para a compreensão dos discursos: “Fale sobre o seu trabalho neste Centro de Atenção Psicossocial”. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra após a realização das mesmas com a colaboração e autorização dos entrevistados.

Ao utilizar-se da entrevista como recurso metodológico, o pesquisador procura se desvincular de qualquer ato ou indagação que possa induzir a resposta do participante<sup>(7)</sup>.

Tivemos a intenção de compreender o trabalho sob a ótica de uma equipe de saúde mental em um CAPS embasado no referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz, que utilizou o método fenomenológico enquanto uma análise descritiva da constituição do mundo da vida cotidiana e da experiência humana aplicado ao mundo social, ao produto da ação simbólica, do homem e do trabalho material<sup>(5)</sup>.

Como forma de buscar “des-velar” as vivências expressas nos discursos dos profissionais de saúde mental de um CAPS, buscamos as convergências das unidades de significado, por meio da análise fenomenológica, construindo as unidades temáticas. A seguir, por meio da compreensão dos depoimentos, embasada no referencial teórico de Alfred Schütz, buscamos compreen-

der como o profissional de saúde mental percebe seu trabalho em um CAPS, na tentativa de expressar a essência do fenômeno estudado.

Após estabelecer contato com os entrevistados, procedemos à apresentação e falamos do nosso interesse pelo estudo, respeitando a Resolução 196/96, que trata de normas para pesquisa com seres humanos<sup>(8)</sup>, sendo coletado assinatura das participantes por meio do termo de consentimento livre e esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da análise fenomenológica, construímos as unidades temáticas, ocorrendo uma aproximação com a compreensão de uma equipe de saúde mental de um CAPS sobre seu trabalho, na tentativa de expressar a essência do fenômeno estudado.

Dos depoimentos coletados, emergiram três unidades temáticas conforme as seguintes categorias de análise em Alfred Schütz: 1) Comportamento social no trabalho de uma equipe no CAPS; 2) Relevâncias no trabalho de uma equipe no CAPS; 3) Relações interativas no trabalho de uma equipe no CAPS. Tais unidades se caracterizam por elencar e convergir unidades de significado, explicitadas a partir de agora. Para a análise das unidades temáticas, utilizamos o referencial teórico de Alfred Schütz, nos atendo especificamente aos conceitos de ação, motivação, trabalho, relevâncias e relacionamento social.

Ao compreendermos o trabalho de uma equipe de saúde mental que atua em um CAPS, percebemos elementos significativos em seus discursos, em que o ser profissional da equipe aparece com um conhecimento *a priori* pelo fato deste profissional possuir uma consciência, um saber latente, uma dedicação ao trabalho, destacados nas unidades temáticas de comportamento social, relevâncias e relações interativas.

##### 4.1 Comportamento social no trabalho de uma equipe no CAPS

O comportamento social, englobando a ação,

a motivação e o trabalho, está presente nos discursos dos profissionais quando destacam a reabilitação psicossocial e o plano terapêutico como fundamentais em seu cotidiano de trabalho.

A equipe de profissionais do CAPS refere que o seu trabalho está pautado predominantemente na busca da reabilitação psicossocial dos usuários do serviço, tanto nos momentos de crise como em todo o processo de atenção em saúde mental, contando com o apoio do trabalho da equipe para a reconstrução dos laços sociais fragilizados.

O CAPS enquanto um dos serviços substitutivos preconizados pela reforma psiquiátrica, tem dentre os seus objetivos o de buscar a reabilitação psicossocial dos seus usuários, tendo em vista o possível comprometimento do funcionamento social, como nos destaca esta fala:

[...] *cuidado do sujeito na crise psicótica e logo na saída da crise, da construção do laço social e a reabilitação psicossocial* (E4).

As ações humanas só se tornam compreensíveis ao revelar seus “motivos para” ou “motivos por que”, ou melhor, só se tornam compreensíveis pelas motivações. Motivo é o estado de coisas em função do qual a ação (conduta baseada num projeto pré-concebido) foi levada ao fim, se traduzindo no objetivo almejado pela ação<sup>(2)</sup>.

Diante disto, as motivações humanas podem ter um significado subjetivo quando forem da categoria dos “**motivos para**”, pois esta compreende o ato projetado, o estado de coisas pré-imaginado, acarretado pela ação futura. O seu significado só se torna acessível ao pesquisador se o mesmo pergunta ao ator qual o significado que o ele atribui à sua ação.

Por outro lado, as motivações humanas podem ter um caráter objetivo quando representar os “**motivos por que**”, ou seja, quando envolver a perspectiva da experiência no tempo passado se referindo à gênese do próprio projetar. Nesta situação, o seu significado pode ser acessado pelo pesquisador pela reconstrução do ato realizado ou, mais precisamente, a partir do estado de coisas provocado no mundo exterior pela ação do ator<sup>(2)</sup>.

A partir dessas considerações, vislumbramos que o comportamento social manifesto nos

discursos dos profissionais do CAPS envolve enquanto **motivo para**, a busca pela reabilitação psicossocial dos usuários do serviço. É este o objetivo projetado das suas ações como profissionais de saúde mental de um serviço substitutivo.

Enquanto um dos instrumentos no processo de reabilitação psicossocial, a equipe do CAPS utiliza um plano terapêutico personalizado, considerando a situação social do usuário.

*[...] cada paciente, ele é tratado, tem um plano terapêutico (E2).*

Neste contexto, torna-se fundamental levar em conta a situação biográfica do usuário e do técnico do serviço, tendo em vista que ela se estabelece enquanto a sedimentação das experiências do sujeito ao longo do tempo, como bagagem de conhecimento disponível que funciona como esquema de referência para interpretação do mundo<sup>(9)</sup>.

É nesta relação que os sujeitos envolvidos recorrem aos seus “conhecimentos à mão”, este código de referência para interpretar a experiência de vida atual, para estabelecerem um plano terapêutico aos indivíduos em sofrimento psíquico de maneira única a cada sujeito.

#### 4.2 Relevâncias no trabalho de uma equipe no CAPS

Os profissionais do CAPS reconhecem que a gestão pública interfere no cotidiano da equipe, seja nas condições de trabalho, na dificuldade em manter um projeto, ou até mesmo pelas características inerentes de se trabalhar em um serviço público. Eles salientam ainda que a política de Estado não se apresenta de forma consistente, gerando assim insegurança nesses profissionais de saúde mental.

*[...] tem muito a ver com trabalhar com serviço público, a dificuldade que se tem de manter um trabalho no serviço público. A falta de condições de trabalho (E7).*

O estoque de conhecimento à mão e o sistema de relevâncias de um sujeito interferem na definição de seus interesses de forma diferente em um relacionamento social. Essas relevâncias podem ser intrínsecas quando se referir aos meus

interesses, e impostas quando se referir aos interesses do Outro<sup>(10)</sup>.

Nesta discussão, vemos que a gestão pública exerce uma importante influência na organização do serviço e no processo de trabalho dos profissionais ao impor a estes suas relevâncias, que para os profissionais atuam como relevâncias impostas.

Apesar do objetivo da ação dos profissionais que trabalham no CAPS ser o alcance da reabilitação psicossocial dos seus usuários, observamos que em suas relevâncias intrínsecas surge a preocupação destes em qualificar-se na área de saúde mental.

*[...] vou fazer esse seminário e tudo que puder fazer pra desenvolver esse lado que eu não conheço muito, porque na saúde mental eu não tenho muita experiência, pra poder trabalhar com eles (E8).*

Diante disto, vimos que trabalhar em saúde mental requer aprofundamento no conhecimento específico desta área, pois ela possui características peculiares no processo saúde/doença. Então, a busca pela qualificação profissional na área torna-se relevante e necessária para a construção do conhecimento e para a melhoria no atendimento, contribuindo para a consolidação de um serviço de saúde mental mais efetivo.

Estabelecendo uma relação entre as relevâncias impostas e intrínsecas destacadas pelos profissionais deste CAPS, consideramos que nesta situação, tanto a gestão pública, quanto os profissionais estão parcialmente sob o controle um do outro, haja vista que ambos necessitam um do outro para estabelecer a razão de sua existência no mundo social. Assim, ao voltarem-se um para o outro, “afinando-se”, vão emergir as relevâncias intrínsecas em comum, contudo uma parte deste sistema de cada um permanecerá não compartilhada<sup>(10)</sup>.

#### 4.3 Relações interativas no trabalho de uma equipe no CAPS

Os profissionais apontam que o trabalho no serviço envolve uma relação interdisciplinar na equipe técnica, possibilitando discussões das diferentes categorias profissionais acerca das ações

do seu cotidiano. Ressaltam ainda que para o profissional adotar uma postura interdisciplinar, o mesmo precisa estar disponível às trocas de conhecimento na equipe. Isto presume o reconhecimento de um mundo social de caráter intersubjetivo.

*[...] eu me engajei e acho que sempre saiu tudo bem, tive facilidade pra trabalhar interdisciplinaridade. Eu acho que é muito da disponibilidade de cada um, do desejo de cada um. [...] de estar aberto, de querer aprender, de se disponibilizar (E5).*

O mundo da vida representa o nosso cotidiano, um mundo intersubjetivo compartilhado, vivenciado e interpretado por outros. Este mundo intersubjetivo pode ser constituído quando um participante torna-se intencionalmente consciente da pessoa que o confronta e compartilham o mesmo tempo e espaço, daí se dá a experiência comum do mundo do Nós<sup>(9)</sup>.

Na área da saúde mental o uso do Eu do terapeuta é fundamental na relação com o sujeito em sofrimento psíquico, na qual a escuta serve enquanto um dos elementos intrínsecos dessa relação. A escuta é construída no encontro face a face entre o terapeuta e o sujeito.

*[...] é uma escuta de sofrimento, é uma escuta que tu tá fazendo, diferenciada, e terapêutica, porque tu vai fazer alguma intervenção ali (E3).*

Nesse encontro face a face, entre o terapeuta (Eu) e o sujeito (Tu) surge o relacionamento do Nós em que ambos compartilham o mesmo tempo e espaço, ou seja, um relacionamento social diretamente vivenciado. Assim, numa atitude de reciprocidade entre suas consciências, ambos aprendem um ao outro de maneira mais viva, conferindo ao mundo um caráter intersubjetivo e social<sup>(11)</sup>.

Nos moldes de atenção psicossocial, a participação da família no tratamento dos sujeitos em sofrimento psíquico torna-se essencial, por ser esta a primeira célula social da qual o sujeito participa, no qual são construídos seus primeiros laços de afetividade. Em contraponto ao modelo manicomial, em que a família era isolada do tratamento do seu familiar em sofrimento psí-

quico, no modelo psicossocial a família passa a ser reconhecida como fundamental nesse processo.

*[...] A família eu acho importante, que é um apoio que o usuário tem [...] (E8).*

No processo de assistir aos indivíduos em sofrimento psíquico no CAPS, as mudanças no relacionamento não se limitaram aos profissionais e usuários, mas, também, influenciaram as relações entre os profissionais e os familiares desses usuários. Concomitantemente àquelas mudanças, percebemos que o relacionamento entre profissionais de saúde e familiares de usuários vêm se transformando, ou seja, deixando aos poucos de ser uma relação eminentemente na forma de “orientação para o eles” (relação social indireta) para uma “orientação para o tu” (relação social direta)<sup>(11)</sup>.

## 5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

O que se busca na pesquisa fenomenológica são os significados que os sujeitos atribuem a sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das descrições desses sujeitos. Em Schütz, a tarefa da fenomenologia é fundamentar a intersubjetividade na realidade social. Esta realidade tem um significado e uma estrutura de relevância para os seres humanos que vivem, agem e pensam dentro dela. Além disto, este é o campo de observação do pesquisador social.

Para a captação da realidade do trabalho de uma equipe de saúde mental em um CAPS a fenomenologia se mostrou adequada, pois o mundo social não deve ser aceito de forma ingênua, mas ser reconhecido como ambiente complexo de atividades humanas, que para serem compreendidas devemos nos voltar ao ator dessas ações, ao sujeito do mundo social. Assim, a primeira tarefa ao utilizarmos a metodologia das ciências sociais foi a de explorar os princípios gerais segundo os quais o sujeito organiza suas experiências na vida diária e especialmente as do mundo social.

Diante disso, os conceitos aqui apresentados, dentro da perspectiva fenomenológica da sociologia compreensiva de Alfred Schütz nos permitiram aprofundar questões vividas por profis-

sionais que atuam em um CAPS, numa perspectiva compreensiva, livre de explicações e generalizações.

Conhecendo aspectos do trabalho dos profissionais de saúde mental que atuam em um CAPS, junto aos indivíduos em sofrimento psíquico, podemos partilhar esse conhecimento com outros profissionais da área de saúde e também com todos aqueles que se interessarem pelo assunto, além de, enquanto trabalhadores da área, contribuirmos para a assistência aos usuários de serviços substitutivos ao modelo manicomial, em particular aos CAPS.

Nesse momento, lembramos que os profissionais que atuam em saúde mental necessitam rever seus antigos paradigmas e reestruturá-los, consolidando uma assistência integrada ao indivíduo em sofrimento psíquico, sua família e comunidade, para que possa inseri-lo novamente na sociedade, buscando sua reabilitação social.

Consideramos que com o olhar compreensivo que o referencial da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz nos propiciou, conseguimos descortinar alguns aspectos relacionados ao trabalho de profissionais que atuam em um Centro de Atenção Psicossocial. Salientamos que o trabalho está voltado para a reabilitação psicossocial, sofre interferências do contexto político onde o serviço está inserido e configura-se enquanto um trabalho de caráter intersubjetivo e social.

## REFERÊNCIAS

- 1 Costa-Rosa A. O modo psicossocial: um paradigma das práticas substitutivas ao modo asilar. In: Amarante P, organizador. Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2000. p. 141-68.
- 2 Schütz A. Ação no mundo da vida: ação e planejamento. In: Wagner HR, organizador. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. p. 123-42.
- 3 Schneider JF. O método fenomenológico na pesquisa em enfermagem psiquiátrica. Revista Gaúcha de Enfermagem 1996;17(2):100-8.
- 4 Husserl E. A idéia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70; 1990.
- 5 Schütz A. El problema de la realidad social. 2ª ed. Buenos Aires: Amorrortu; 2003.
- 6 Schütz A, Luckmann T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu; 2003.
- 7 Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/EDUC; 1989.
- 8 Ministério da Saúde (BR), Conselho Nacional de Saúde, Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 1996.
- 9 Schütz A. Fundamentos da fenomenologia: bases da fenomenologia. In: Wagner HR, organizador. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. p. 53-71.
- 10 Schütz A. O mundo das relações sociais: distribuição do conhecimento. In: Wagner HR, organizador. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. p. 231-7.
- 11 Schütz A. Relações interativas. In: Wagner HR, organizador. Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar; 1979. p. 159-95.

---

**Endereço da autora/Author's address:**  
 Jacó Fernando Schneider  
 Rua São Manoel, 963  
 90.620-110, Porto Alegre, RS  
 E-mail: [jaco\\_schneider@uol.com.br](mailto:jaco_schneider@uol.com.br)

Recebido em: 10/05/2007  
 Aprovado em: 22/08/2007